



**Reflexões, tendências e novos rumos
dos ESTUDOS FRASEOPAREMIOLÓGICOS**

Claudia Zavaglia
Angélica Karim Garcia
Simão
(Organizadoras)

2017 - Reflexões, tendências e novos rumos dos Estudos Fraseoparemiológicos
© Todos os direitos reservados para esta edição.
Editoração: Sabrina de Cássia Martins

Organização: Claudia Zavaglia e Angélica Karim Garcia Simão
Revisão de texto e normalização: Sabrina de Cássia Martins
Foto da capa: Labirinto Além (Fotógrafo: Walter Antunes)

Conselho Editorial

Adriana Zavaglia (Universidade de São Paulo)
Ana Mansilla Pérez (Universidade de Murcia)
Antonio Pamiés (Universidade de Granada)
María Aracely Losey León (Universidade de Cádiz)
Glória Corpas Pastor (Universidade de Málaga)
Inmaculada Penadés Martínez (Universidade de Alcalá de Henares)
José Antonio Sabio Pinilla (Universidade de Granada)
Julia Sevilla Muñoz (Universidade Complutense de Madri)
Lúcia Monteiro de Barros Fulgêncio (Universidade Federal de Minas Gerais)
Maria Rosario Bautista Zambrana (Universidade de Málaga)
Solange Aranha (Universidade Estadual Paulista)
Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (Universidade Federal do Ceará)

Nesta obra respeitou-se o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Reflexões, tendências e novos rumos dos estudos fraseoparemiológicos
[recurso eletrônico] / Claudia Zavaglia, Angélica Karim Garcia Simão (org.). - São José
do Rio Preto : UNESP/IBILCE, 2017
302 p. : il. (color.), tabs.

E-book

Requisito do sistema: Software leitor de pdf

Modo de acesso: <http://www.ibilce.unesp.br/#!/departamentos/letrasmodernas/oficina-de-traducao/downloads/>>

8224

ISBN 978-85-8224-142-4

1. Linguística. 2. Lexicologia. 3. Fraseologia. 4. Provérbios - História e crítica. I. Zavaglia, Claudia. II. Simão, Angélica Karim Garcia. III. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

CDU – 413

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto
Bibliotecária: Luciane A. Passoni
CRB-8 7302

Os artigos publicados são da inteira responsabilidade dos respectivos autores.

A PAREMIOLOGIA NO *DICIONÁRIO HISTÓRICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL*: OS PROVÉRBIOS E A SUA FUNÇÃO

Maria Filomena GONÇALVES
(Universidade de Évora)¹

Introdução

O *DHPB – Dicionário Histórico do Português do Brasil (sécs. XVI a XVIII)* é um projeto concebido e coordenado por M^a Tereza Biderman e que, após o falecimento desta Professora em 2008, foi conduzido a bom porto, em dezembro de 2012, por Clotilde de A. A. Murakawa. O projeto foi aprovado e financiado pelo CNPQ em 2005, no âmbito do Programa Institutos do Milênio, tendo sido desenvolvido no Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara. Atualmente, encontra-se a aguardar publicação.

O projeto tinha em vista elaborar um dicionário do léxico do Português usado no Brasil colônia até à chegada da Corte portuguesa em 1808. Para tal, tornava-se necessário, por um lado, a constituição e montagem, de raiz, de um Banco de Textos que reunisse documentação de vários gêneros textuais relativa a todas as regiões do Brasil durante o referido período e, por outro lado, a construção de uma plataforma que tornasse viável a consulta e a extração de unidades lexicais a partir desse *corpus*.

Como demonstrado em trabalho anterior (MURAKAWA; GONÇALVES, 2015), a riqueza do Banco de Textos é notável, manifestando-se nos mais variados domínios do léxico (zoônimos, fitônimos, hidrônimos, etc.) mas também na fraseologia e na paremiologia. Com efeito, a consulta do *corpus* revelou a existência de unidades lexicais relativas a este último âmbito – adágio, provérbio, aforismo, rifão, axioma – e, ainda, a ocorrência de várias parêmiias e outros tipos de enunciados sentenciosos.

Assim, o objetivo deste trabalho é duplo: por um lado, trata-se de verificar a existência de uma definição das unidades atrás referidas; por outro, proceder-se-á ao levantamento das parêmiias detectáveis no *corpus*, por forma a analisar-se não só a origem deles (culto? popular?), o modo de inserção, a função desses enunciados paremiológicos e, ainda, a ocorrência de variantes. A análise dos dados coligidos a partir do Banco de Textos do *DHPB* visa demonstrar o valor comunicativo/expressivo dos provérbios em documentação relativa ao Brasil entre os séculos XVI e inícios do XIX.

O *Corpus* do *DHPB*

O *Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI-XVIII)* assenta num importante banco de textos relativos à terra de Vera Cruz, nele estando reunidos os mais variados gêneros textuais e discursivos do período colonial entre 1500 (Carta de Pero Vaz de Caminha) a 1808 (chegada da Corte ao Brasil). Ademais de servir aos objetivos do *Dicionário Histórico do Português do Brasil* – registar as definições das unidades lexicais mais frequentes, atribuir-lhes uma datação, fornecer os

¹ ECS/DLL; CIDEHUS-UÉ/FCT (projeto UID/HIS/00057/2013).

contextos das ocorrências e as suas combinações sintagmáticas –, o *corpus* textual, dada a sua riqueza, permitirá também estudos de outras naturezas. Constituído expressamente para este projeto lexicográfico, o Banco de Textos é relevante, a vários títulos, para os estudos diacrônicos da língua portuguesa, na medida em que, por um lado, integra muitas obras impressas e manuscritas até à data não incluídas em outros *corpora* do português e, por outro lado, graças à variedade de gêneros textuais e discursivos, possibilita o estudo da variação linguística em terras brasileiras. Trata-se de uma base textual de referência (o denominado Banco I, com cerca de 10 milhões de ocorrências), composta por um vasto conjunto de documentos, cujas datas vão de 1500 a 1808, data em que o Brasil, devido à presença da Corte portuguesa, passa a ser Vice-reino. Os textos que integram o *corpus* do DHPB foram escritos durante esses três séculos e o seu conteúdo trata dos mais variados aspetos da *terra brasilis* (MURAKAWA, 2011), incluindo obras como as seguintes: descrições de missionários e viajantes; diários de navegação; cartas de sesmarias; roteiros descritivos da *flora* e *fauna* brasileiras; descrições geográficas; cartas e sermões do Pe. António Vieira, pregados no Brasil, e outros de vários oradores sacros; correspondência vária, obras e documentos que tratam do Estado do Grão Pará durante a era pombalina; cartas comerciais trocadas entre comerciantes da colônia com outros de Portugal; obras sobre a nobiliarquia paulistana; atos de câmaras municipais; anais de câmaras de diversos municípios brasileiros; documentos cartoriais; autos de devassas feitos durante a Inconfidência Mineira; processos; inventários; testamentos; alvarás; posturas; bandos; atos de doações de terras, casas e terrenos; cartas de ofício; patentes; cartas dos governadores gerais; provisões; documentos forenses; estatutos de sociedades; constituições dos bispados do Brasil; regimentos militares; obras sobre medicina, farmácia, agricultura, mineração, além da produção literária do barroco e arcadismo no período (MURAKAWA, 2011). Esta lista traduz, por si só, a inestimável riqueza do acervo reunido expressamente para este projeto lexicográfico. Dada a abrangência de áreas e assuntos tratados nos textos incluídos no Banco de Textos, é claro que este *corpus* reteve tanto o vocabulário da linguagem corrente como também o léxico especializado de vários domínios, vale dizer, as antigas terminologias observáveis num recorte de três séculos do Português e que, como é evidente, interessam quer para a história do léxico português quer para a do léxico brasileiro, uma vez que esses trezentos anos compreendem os períodos que se denominam, de acordo com a periodização mais recente (CASTRO, 2006, p.73)², "português médio" e "português clássico". Logo, o recorte cronológico plasmado no Banco do DHPB representa esses períodos da diacronia lexical do Português.

Embora não seja objetivo deste trabalho descrever em todo o detalhe as etapas técnicas ou os procedimentos³ a que obedeceu a constituição desse *corpus*, importa salientar que o recurso a várias ferramentas eletrônicas possibilitou

² Mattos e Silva (1991) diverge desta proposta ao considerar que o "português médio" se inclui na fase final do "português arcaico" e que o "período clássico" corresponde ao "português moderno". Veja-se também: Mattos e Silva (2007).

³ Em breve enumeração, estes foram os passos principais: 1) seleção dos textos a serem escaneados; 2) escaneamento dos textos e edição das imagens; 3) organização das pastas onde cada pasta corresponde a uma obra; 4) a partir da leitura ótica (*Optical character recognition* - OCR) e correção pelo programa *ABBYY Fine Reader*, faz-se a transferência das imagens para textos (TIFF > DOC); 5) inclusão da ficha catalográfica nos textos já corrigidos; 6) conversão para arquivos texto (TXT); 7) marcação XML (*eXtensible Markup Language*); 8) inserção dos textos no programa *Philologic1*.

que, através de um motor de busca, localizássemos no Banco de Textos 1 unidades do âmbito paremiológico e as suas ocorrências. Existe igualmente um Banco de Textos 2; porém, este não foi considerado para a redação dos verbetes do DHPB e ainda não se encontra acessível aos pesquisadores, motivo por que, para os objetivos deste trabalho, apenas foi pesquisado o Banco 1.

Tal como referido na Introdução, a riqueza desse *corpus* permite atestar e analisar variadíssimos aspectos da língua do período em apreço (*grosso modo*, o período colonial), entre eles, a fraseologia e a paremiologia, por exemplo, permitindo averiguar como os provérbios portugueses foram adaptados à realidade brasileira e compreender como outros, fruto da observação de natureza e costumes próprios do Brasil, surgiram nesse território⁴. Antes de mais, para se avaliar o alcance do âmbito paremiológico do Banco de textos do DHPB, procedeu-se primeiramente a uma busca sistemática de unidades lexicais relativas ao âmbito paremiológico – adágio, apotegma, aforismo, anexim, axioma, dito/ditado, máxima, provérbio, rifão, sentença – e, em segundo lugar, fez-se um levantamento dos enunciados proverbiais documentados na base textual em análise.

Quanto às unidades lexicais que designam frases do cariz paremiológico, de acordo com o Dicionário Houaiss (2001)⁵, "adágio" denomina uma "sentença moral de origem popular; anexim, ditado, provérbio", definição que traduz como a antiga destriça semântica entre adágio, anexim, ditado e provérbio se esbateu, fazendo com que nesse dicionário de referência do Português contemporâneo essas palavras sejam consideradas como equivalentes, muito embora "adágio" e "dito"/"ditado", contrariamente a outro tipo de sentenças de origem erudita, se caracterizem por terem caráter popular. A distinta origem explica certamente que Houaiss (2001) considere "axioma" como sinónimo de "máxima, provérbio, sentença" mas exclua "adágio" do lote de unidades indicadas como equivalentes.

Na definição dessas unidades é bem notória a existência de circularidade⁶ e sobreposição, conforme se observa no caso de "provérbio", ao qual Houaiss (2001) primeiro atribui uma origem popular, não obstante remeter depois para a Bíblia, logo para um texto cuja tradição é culta ou erudita:

1 frase curta, ger. de origem popular, freq. com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral (p.ex.: *Deus ajuda a quem madruga*).

2 na Bíblia, pequena frase que visa aconselhar, educar, edificar; exortação, pensamento, máxima

Outro tanto se nota na equivalência entre "rifão"⁷ e "adágio", entre "ditado" e

⁴ É de realçar que a primeira compilação de expressões e frases, incluindo provérbios, foi impressa em 1848, no Rio de Janeiro, por um madeirense emigrado no Brasil: Paulo Perestrelo da Câmara. Embora o título anuncie um conjunto paremiológico - *Collecção de proverbios, adagios e rifãos, anexins, sentenças Moraes e idiotismos da lingua portugueza* -, na verdade são poucas as parêmiias ali arroladas, predominando a fraseologia. Não se conhece outra coletânea com data anterior a essa.

⁵ Por se tratar de uma versão eletrônica do Dicionário Houaiss (2001), não é possível indicar a paginação das entradas lexicográficas.

⁶ O mesmo se notava já no *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1721), de Rafael Bluteau. Veja-se Gonçalves (2009, p. 155).

⁷ "Rifão" é, segundo Houaiss (2001), um "adágio vulgar, em que ger. se empregam palavras grosseiras ou chulas" ou um "dito breve ou sentença popular de cunho moral, ger. em verso, e aplicável à determinada circunstância da vida; provérbio, anexim".

"provérbio", entre "anexim"⁸ e "provérbio" ou, ainda, entre "máxima, provérbio e anexim"(HOUAISS, 2001).

Perante a variedade de unidades referentes ao âmbito paremiológico e a sua fraca ou nula destreza, vale a pena atentar nos dados do *corpus* em apreço, já que este inclui textos de vários representativos de três séculos da História brasileira que se integram em tradições discursivas distintas, o que poderá ter levado à inclusão de certo tipo de frases sentenciosas ou provérbios.

Léxico paremiológico no DHPB

Como é bem sabido, as frases sentenciosas conhecidas como os provérbios ou parêmiias foram institucionalizadas pelo uso multissecular e, por isso, fazem parte da memória coletiva da comunidade, veiculando asserções ou juízos intemporais, características que asseguram grande longevidade a esse tipo de enunciado. Com efeito, as parêmiias são fruto de experiências empíricas, da observação do mundo e da sociedade, e distinguem-se não só pela sua intemporalidade semântica como também por apresentarem certos traços formais, entre os quais se destacam, em particular, os jogos rimáticos, as aliterações, a estrutura sintática⁹ (simples ou bimembre), traços que cooperam para a fácil aquisição/memorização dos enunciados deste gênero (LOPES, 1992).

Ora, dada a grande expressividade dos provérbios, o seu poder de síntese de experiências e mundividências e, ainda, a sua frequência em obras literárias do recorte cronológico do *corpus* do DHPB, era previsível que este registasse alguns enunciados desse tipo, pressuposto do qual partiu o presente trabalho.

Vejam-se, em primeiro lugar, quais as unidades atestadas no *corpus* e algumas ocorrências de cada uma delas.

Adágio

1. AMBRÓSIO FERNANDES...*DIÁLOGO QUARTO - MANTIMENTOS...* 1618

[...] se servem de dois modos de cordas, com que se amarram e seguram as tais madeiras, a uma delas chamada sipó e a outra timbó, que são tão boas e tão fortes para o efeito, que se faz por comum **adágio** que se não houera sipó, não se pudera povoar o Brasil, pelas diversas cousas de que se aproveitam dêle.

2. BERNARDO PEREIRA DE... . *ANNAES HISTORICOS DO ESTADO DO...* 1718

[...] Segunda razaõ he, não duvidamos, de que as Mifsões hajaõ fido mais em numero, que os annos, e repondemos a ehta razaõ com hum **adagio** antigo: Muito paõ tem Castella [...].

3. LUIS GOMES FERREIRA. *DA ENFERMIDADE, A QUE CHAMAÕ* 1725

Depois de ter efte como efcrito, me certificaõ algumas peffoas, fallando eu nefta doença, que he certo haver nelle Reyno a tal

⁸ Segundo Houaiss (2001), é uma "sentença popular que expressa um conselho sábio; provérbio, máxima".

⁹ A este propósito, Xatara e Succì (2008, p. 35) consideram que a natureza do provérbio permite defini-lo como uma "unidade lexical complexa" cujo significado não pode ser "calculado pelos significados isolados de cada uma das ULs simples contidas em seu interior".

doença, fem que até o prefente ninguem a conheça; e que o **adagio de dizer o povo: Tal eftá fulano que já naõ aguarda huma ajuda [...]**.

4. PADRE JOÃO DANIEL. PARTE QUINTA - EM QUE MOSTRA UM... 1757

[...] e já por estarem atidos às esperanças das canoas do sertão; **não advertindo no adágio comum que vale mais um passarinho na mão, do que dous a voar**; vale mais um plantamento de cacao manso sem riscos, nem contingências; do que a incerteza de grandes colheitas do sertão.

5. PE. JOÃO DANIEL. PARTE PRIMEIRA - CAP. 14°

[...]É bem verdade, que [roto o original] levar, e que os doentes lhe fazem caras, ou carrancas; porém como os efeitos são bons, tenham paciência os enfermos, e para a tomarem com menos repugnância, **lembrem-se do adágio, que diz, e cae aqui bem— Caro é, o que bem sabe — outra letra a diz: Caro custa o que bem sabe.**

6. PE. JOÃO DANIEL. PARTE PRIMEIRA - CAP. 27° - 1757

[...] muitas que vivem, e andam por entre a cute exterior, posto que tão miúdas, que muitas vezes só se vem pelo microscópio, untando com sangue o corpo, a que elas logo acodem lançando fora as cabecinhas, que alguns lhes tem safado com uma navalha de barbear: **E aqui se vê bem, que não é certo o adágio, que na cara se vê quem tem lombrigas.**

7. PE. JOÃO DANIEL. PARTE SEGUNDA - CAP. 15° - DA... 1757

[...] e com muita verdade se podia dizer, **e talvez que também ainda hoje se verifique o adágio —. Digo, que talvez ainda hoje [...]**.

8. PE. JOÃO DANIEL. PARTE SEGUNDA - CAP. 18° -... 1757

Verifica-se aqui o adágio, que — de pequenino se troce o pepino — e que tão poderoso é no moral como no físico o costume da boa, ou má educação dos meninos [...].

9. PE. JOÃO DANIEL. PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA...

Logo pega na terra, ainda que esteja feita em pó por secca: por isso **anda entre os naturaes este adágio, como se a maniba falasse — planta-me no pó, e não tenhas de mim dó.**

10. JOZÉ BARBOZA DE... . ANAES DO SENADO / ATAS DE CUIABÁ
Com este intervalo que ja estavao' de todo Livres, porque ogentio nao' dava mais, edeixarem-se deter Camaradas armados em guarda, edefeza das Suas escravaturas nos Serviços, **Sem Se Lembrarem daquelle adagio bem Certo = quem tem inimigos nao' dorme[...]**.

11. desconhecido. A INCONFIDENCIA DA BAHIA EM... 1798

E isto pela particular razão de dever o senhor estar seguro da sua vida dentro da sua caza, **a vista do adagio = Tot hostes, quot servos = [...]**.

12. LUIZ DOS SANTOS... . *CARTA VIGESIMA QUARTA* 1801
[...] ver que os Legisladores daquelles antigos povos estavam persuadidos de que para a propagação de homens se carecia indispensavelmente da subsistencia delles, julgando a miseria, e indigencia como obstaculos da mesma propagação pello que tem de atenuante; bem virão elles, como diz o nosso **adagio, que quem não tem pão não tem cão** [...].

13. PEDRO VICTOR... . *RELATORIO DA EXPOSIÇÃO DOS RIOS...* 1807
Chegados os soldados das divisões, a 25 de Abril sahimos de Minas Novas, com grande receio dos habitantes de **que pagassemos o dizimo ás matas do Mucury (como já passou em adagio)**.

A obra em que se regista um maior número de ocorrências da unidade adágio, tanto vernáculos como latinos, é a do Padre João Daniel, de 1757, fato a que não será alheia a circunstância de ser um religioso; porém, a formação religiosa não teve esse efeito (a que chamaremos de "paremiologização") em textos de outros religiosos e missionários que atuaram no Brasil, cujos textos integram também o *corpus* em análise. Mais adiante comentaremos algumas originalidades desse padre no tocante à paremiologização de realidades brasileiras. Vejamos em seguida, e sem atender à ordem alfabética atrás usada na enumeração das unidades paremiológicas, algumas ocorrências da unidade "provérbio", que se verifica em menor número, o que não é surpreendente porquanto, a julgar pelo recorte cronológico do *corpus*, a palavra mais usada era adágio, unidade relacionada com uma tradição popular, ao invés daquela. E eis que voltamos a deparar-nos com o padre João Daniel.

Provérbio

1. PADRE JOÃO DANIEL. PARTE QUARTA - DO TESOURO... 1757

Lembra-me neste ponto **o provérbio vulgar**, que anda entre os portugueses do Amazonas, que explica bem o seu procedimento e devassidão pelas missões, e povoações daqueles rios.

2. PADRE JOÃO DANIEL. PARTE QUARTA - DO TESOURO... 1757

[...] A sua imitação lhe deixam tãoobẽ os portugueses a sua consciência; de sorte que **corre entre eles por provérbio — Que os que vão ao sertão (chamam assim à viagem do Amazonas) deixam, no Garapumere a consciência** — E quando algum se quer abonar de cristão, o faz dizendo — que não faz conta de deixar a sua consciência no Iguarapé Marim.

3. PADRE JOÃO DANIEL. QUINTA PARTE - DO TESOURO... 1757

[...] e quantas possam cultivar no fim dos anos estipulados, no caso que nelas queiram ficar, e estabelecer domicílio, como ordinariamente fazem todos os que vão ao Amazonas lisonjeados do seu clima sempre verão, e das suas terras fertilíssimas, **e já é provérbio naquele Estado — Quem vai ao Pará parou** — que não é piquena circunstância para a sua povoação.—

4. GREGÓRIO DE MATOS... . CRÔNICA DO VIVER BAIANO...

[...] Pode suceder, que esteja algum áspide escondido entre as flores, **como diz aquele provérbio antigo**.

Quanto às ocorrências da unidade “rifão”, denominação que remete igualmente para frases ou sentenças de cariz popular, e da qual se registaram menos ocorrências do que as de adágio, vejam-se os exemplos seguintes:

Rifão

1. LUIZ DOS SANTOS... . CARTA A PATRIFILO 1801

[...] collecção de todas as plantas não vulgares, que destes paizes do Brasil tenho com dispeza não pequena, e trabalho podido conseguir, arrancando com astucia das mãos de avaros algumas para copiar, apesar de nunca o haver visto fazer por quem soubesse, **comprovando o rifão de que mais faz quem quer do que quem pode[...]**.

2. TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA... . CARTA 1a sec. XVIII

[...] encovados, barba tesa, Fechadas sobranceiras, rosto fusco, Cangalhas no nariz. Ah! quem dissera, Que num corpo, que tem de nabo a forma Havia pôr os Céus tão grande caco! O resto da família é todo o mesmo; Escuso de pintá-lo. **Tu bem sabes Um rifão, que nos diz, que dos Domingos Se tiram muito bem os dias santos**.

3. PEDRO TAQUES DE TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME sec. XVIII

[...] existem algumas cepas da sua grandiosa vinha, que ocupava um campo com quasi meia legua em quadro, que anualmente brotam, depois que nos meses de Agosto e Setembro costumam lançar fogo aos campos, para do verdor deles terem os gados vacuns e cavallares abundancia de pastos, **verificando-se o antigo rifão que diz: campo que já foi vinha**.

Afora as unidades atrás exemplificadas – adágio, provérbio e rifão – no Banco de textos 1 estão igualmente atestadas ocorrências das unidades "dito" e "ditado", assim como de "axioma", "aforismo" e "máxima", sendo que as três últimas têm origem erudita¹⁰, o que explica que ocorram para introduzir frases sentenciosas em latim.

Ditado / Dito

1. PADRE. JOÃO... . CAPITULO 12 - PARTE O PADRE...1757

O Padre Antonio Pereira lhe deu umas duas sangrias quando chegou a Gurupatyba, mas como nada disso lhe valeu, veio-se ao Pará onde o Padre reitor Iodoco Peres lhe acudio com todo o primor e diligencia, vindo cural-o até o cirurgião-mór seu amigo Manoel Martins, com todas as industrias de sua arte, que sabia muito bem,

¹⁰ A despeito dessa origem erudita, "axioma" denomina ou serve para introduzir expressões que, na verdade, não traduzem erudição, como é o caso da seguinte, retirada do *corpus* do DHPB: “[...] sendo axioma entre eles – Fuão é poderoso porque poe tantas armas (Miguel Pereira, Relatório, s.d.). “Fuão”, que Houaiss (2001) atesta na Comédia Eufrosina (1543), de Jorge Ferreira de Vasconcelos, é a forma antiga correspondente a “fulano”. Sobre os provérbios na obra de Vasconcelos, veja-se Chacoto (2007).

mas contra vim mortis (**como lá diz um ditado dos medicos**) non est medicamen in hortis.

2. PE. JOÃO DANIEL. PARTE PRIMEIRA - CAP. 24º - DA... 1757

Para tirar o mel é necessário cortar a árvore, o que custa caro, porque as abelhas em ouvindo o primeiro golpe acodem em enxames a proibir o corte; e posto que o não conseguem, contudo preseguem os trabalhadores tão vivamente com aguilhoadas, que **provam ser verdadeiro o dito, ou ditado, que caro custa, o que bem sabe:** é bem verdade, que também elas experimentam em si bem a seu pesar o infalível deste ditado [...].

3. PE. JOÃO DANIEL. PARTE SEGUNDA - CAP. 18º - ...1757

São ordinariamente magros, de ânimo, e espírito cobarde, defeitos, que os excluem da classe dos gigantes, e fazem verificar neles o **comum ditado** — homem grande, besta de pao —. **Porém quadrando-lhe tanto o referido ditado, neles inteiramente falha o comum adágio — não há filho maior, que seu pai:** porque alguns pais parecem pigmeos a vista de seus filhos, ainda na menor idade dos anos; por saírem alguns filhos às mais altas; e outros de estatura ordinária, como os pais, ou vice versa.

4. PE. JOÃO DANIEL. PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA... 1757

[...] venham a ter a devida estimação, que tem na Europa; e não duvido, que haja muitos outros mineraes de preciosas pedras; mas como quase tudo está ainda despovoado de brancos; e os índios não fazem caso, senão da sua puraquitã, é o muito por agora, que as não houvesse caindo aqui **bem o ditado — Dá Deus nozes, a quem não tem dentes.**

5. PE. JOÃO DANIEL. PARTE PRIMEIRA - CAP. 27º - 1757

[...] muitas que vivem, e andam por entre a cute exterior, posto que tão miúdas, que muitas vezes só se vem pelo microscópio, untando com sangue o corpo, a que elas logo acodem lançando fora as cabecinhas, que alguns lhes tem safado com uma navalha de barbear: **E aqui se vê bem, que não é certo o adágio, que na cara se vê quem tem lombrigas.**

6. LUIS GOMES FERREIRA. DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS... 1735

Depois da efpinhella levantada, e o emplafto pofto, fará o doente exercicio moderado, e não fará exceffo algum, nem tomará pezo nas mãos, ou fobre fi, nem andar a cavallo, antes andar com muyto focego, e quietaçãõ. **Confeffo que nunca pude fofrer o dito vulgar das gentes,** e o peyor he de alguns Cirurgioens imperitos, dizendo que Erario Mineral os Cirurgioens não entendem da efpinhella, nem fabem curar tal doença, e he taõ geral efte abufo, que eu o tenho ouvido muytas vezes [...].

7. JOSÉ ALVARES DE... . HISTÓRIA DO DISTRITO DO RIO DAS...s.d.¹¹.

Para se cometerem não era necessário qualquer emboaba cair, bastava tropeçar, fazendo tanto apreço da vida de um emboaba como a de um cachorro do que **nasceu o dito vulgar, ouvindo qualquer tiro:** lá morreu cachorro ou emboaba.

Por sua vez, a unidade "axioma" é o "termo paremiológico" (POSTIGO

¹¹ Publicado em 1981, o documento, que não possui data, intitula-se: *História dos distrito do Rio das Mortes, sua descrição e descobrimento das suas minas, casos nele acontecidos entre paulistas e emboabas e criação das suas vilas.* Atendendo ao conteúdo, pode situar-se no século XVIII.

ALDEAMIL, 2007) que regista, logo a seguir a "adágio", um maior número de ocorrências no *corpus*, verificando-se que o uso dessa unidade é possivelmente determinado pelo conteúdo do documento ou pela formação do seu autor. Este será o caso Padre António Vieira, por exemplo. Dele e de outros autores, vejamos os exemplos a seguir:

1. PADRE ANTONIO VIEIRA. SERMÃO DE NOSSA SENHORA DO Ó, 1640
[...] Astronomia, diz uma coisa admiravel, e é, que os que nascem debaixo do signo de Virgem, recebem d'esta influencia tal graça no escrever, que uma lettra sua contém uma palavra: *Hic et scriptor erit, felix cui littera verbum est*. Eu não direi o fundamento que teve Manilio **para sahir com este axioma**, nem os outros astrónomos o commentam facilmente.

2. IOAM PEIXOTO VIEGAS. [1680], PARECER E TRATADO FEITO SOBRE OS EXCESSIUOS IMPOSTOS QUE CAHIRÃO SOBRE AS LAUOURAS DO BRAZIL ARRUINANDO O COMERCIO DESTA
Se isto he certo, ã maior felicidade, e Riqueza p.a o Reino? e pa este estado? pr ã se laurará m.to maiz, e será m.to grande o interece dos dr.tos Reaiz, e enriquecerão os vassaloz, e será maiz poderozo o seu Principe: **ã axioma he doz politicoz, ã naõ ha Rej poderozo com vaçallos pobrez** [...].

3. MIGUEL PEREIRA DA... . RELATORIO APRESENTADO AO VICE-REI...
[...] já de annos alli estabelecidos com suas familias, e fazendas de pouco gado e menos mantimentos, por não ser o paiz abundante d'elle, mas nenhum tem numero de escravos com que emprehender grande operação, pois por este se regula o poder por estes sertões, **sendo axioma entre elles—Fuão é poderoso porque põe tantas armas**: n'este numero entram negros, mulatos, Indios, Mamelucos, Carijós, e mais variedades de gente que ha por aquelle sertão.

4. MIGUEL PEREIRA DA COSTA, RELATORIO APRESENTADO AO VICE-REI VASCO FERNANDES CESAR, PELO MESTRE DE CAMPO DE ENGENHEIROS...[1721]

[...] e assim viviam alli todos voluntarios, sem receio, obediencia ou temor, uns roubando, e outros matando; e logo que em algum ribeiro acertavam alguns com melhor pinta, cahia aquella multidão na tal parte, que ordinariamente desapparecia o ouro, **sendo para elles axioma infallivel, que o ouro não quer ambição nem soberba**, pois tirando-se sem estas com bom rendimento, logo que estas chegam se esconde, como a experiencia lhes tinha mostrado por vezes.

5. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO, LIVRO PRIMEIRO - PERNAMBUCO CONQUISTADO, 1757

Quiseram dizer alguns Philosophos fundados no axioma de Aristoteles, que a imaginação he causa de maravilhosas produçoens, e que a imaginativa dos Indios era causa da sua cor vermelha.

6. PE. JOÃO DANIEL. PARTE SEGUNDA - CAP. 3º -...1757

eles são 1o o da carne. 2o o das vinhaças, e beberronias. 3o posto que não tão universal é o comerem carne humana, em que algumas nações se mostram mais feras que as mesmas feras, por serem estas ordinariamente amantes, das que convém consigo na mesma espécie, **donde se deduz aquele axioma — Omne animal diligit sibi simile**, - que sendo quase indefectível em várias espécies de brutos, falha em muitos índios da América, que neste vício são inteiramente brutos.

7. RODRIGO JOSÉ DE... . VII - EXPOSIÇÃO DO GOVERNADOR D....

Destruída pois ésta antiga preocupação, e **recebido o axioma que julgo incontestavel de que he verdadeiramente neste paiz**, preferivelmente a qualquer outro dos Dominios de Portugal, que a Caza da Moeda he útil, necessaria, e a circulação dela proveitôza, se segurião á Fazenda Real, e aos particulares immensas utilidades [...].

8. EXPOSIÇÃO DO GOVERNADOR D. RODRIGO DE MENEZES VII - EXPOSIÇÃO DO GOVERNADOR D.... 1782

He **axioma indubitavel** que quem recebe huma sóma para distribuir em parcélas vem a perdêr nesta separação até vinte por cento e couza sabida [...].

9. desconhecido. A INCONFIDENCIA DA BAHIA EM 1798 -...

[...] e da **regra e axioma tão antigo e respeitavel** de q. he mais conveniente absolver em duvida ao culpado, q. castigar o inocente [...].

10. FREI MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO, O FAZENDEIRO DO BRAZIL...1798

Os Hespanhoes, que forão os primeiros, ao depois da conquista do novo mundo, que conhecerão o Cacao, **assentárão, como hum principio, ou com hum axioma**, que o Cacao era frio, e secco, e que participava da terra.

11. FREI MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO, O FAZENDEIRO DO BRAZIL... 1798

Esta he huma verdade conhecida nas escólas de Paris, que deo occasião a este **bello axioma**, que o que he causa vitae, tambem o he causa mortis.

12. JOSÉ VIEIRA COUTO. MEMORIA SOBRE A CAPITANIA DE MINAS GERAES 1799

Em fim é um axioma entre estes mineiros, que um monte de ouro não vai nada se não tem agua.

13. LUIZ DOS SANTOS... . CARTA VIGESIMA QUARTA 1801

He axioma innegavel que sem homens não há sociedade, e sem meios de subsistencia não pode haver homens; a estreita correlação de hum com outro objecto he manifesta[...].

Além das anteriores, no corpus regista-se ainda a unidade "aforismo", conforme ilustram as seguintes ocorrências:

Aforismo

1. PADRE ANTONIO VIEIRA. *SERMÃO DECIMO – QUINTO*...1654

Lá diz o aforismo vulgar da medicina: *Non quod ingeritur, sed quod digeritur*: que o que alimenta, nutre, augmenta, e dá forças e vigor ao vivente, não é o comer que elle toma na bocca, e recebe dentro em si, senão o que digere [...].

2. GREGÓRIO DE MATOS... . CRÔNICA DO VIVER BAIANO...

Quero curar-me convosco, **porque é discreto aforismo**, que a causa das saudades se empenhe para os alívios.

3. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO *LIVRO TERCEIRO - PERNAMBUCO*...1757

Por antipathia de temperamento, por melindre, e nimio cuidado da saude, por miseria para poupar despesas, ou por não haver cousa boa de que se não diga algum mal, **tem alguns por certissimo o Aphorismo da Escola Medica** que diz: Todo doce se converte em colera. **Hê máxima geralmente recebida**[...].

4. FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO [1801]
CAPITULO VI. Das propriedades do Queijo. (Caseus ille bonus, quem dat avara mannus) **He mui verdadeiro este aphorismo**. O queijo não faz mal, comendo-se pouco, Sendo assim ajuda, e fortifica a digestão.

Note-se que muitas dessas unidades do domínio paremiológico recebem adjetivação, disso sendo exemplo, entre outros, "provérbio vulgar", "provérbio antigo", "provérbio comum", "antigo rifão", "dito vulgar", "comum ditado", "axioma inegável", "belo axioma", "axioma infalível", "discreto aforismo", "aforismo vulgar".

Parêmiias no DHPB

Identificado o elenco das unidades relativas ao campo paremiológico¹² – denominações populares como adágio e dito/ditado e termos mais eruditos como provérbio, aforismo, axioma ou máxima¹³ –, passamos à identificação das parêmiias registadas no *corpus*. A pesquisa no Banco 1 do DHPB permitiu localizar 47 parêmiias, sendo que a maioria é constituída por antigos provérbios portugueses, recenseados nas coletâneas de Delicado (1651) e Pereira (1655)¹⁴. Embora em menor número, haverá que destacar aquelas que terão surgido no Brasil para traduzirem a realidade e a cultura locais, o que permite antever que o *corpus* em apreço possibilitará o rastreio e a atribuição de uma datação a parêmiias genuinamente brasileiras, vale dizer, criadas no Brasil, e, portanto, não herdadas da tradição paremiológica portuguesa.

Entre os antigos provérbios portugueses, contam-se muitos que já constavam dos primeiros adagiários portugueses, publicados no século XVII, como os de Delicado (1651) e Pereira (1655). Veja-se a lista (não exaustiva) das unidades paremiológicas recenseadas no *corpus*.

(1) Muito pão tem Castela, mal por quem lazer (Bernardo Pereira, 1718).

Este provérbio serve para sintetizar que, não obstante terem existido muitas missões no Brasil, os benefícios trazidos por essas missões não foram proporcionais ao seu elevado numero.

(2) Vale mais um passarinho na mão, do que dois a voar (P. João Daniel, 1757).

Usado a propósito do cacau, em contexto brasileiro equivale a “vale mais um plantamento de cacau manso sem riscos, nem contingências; do que a incerteza de grandes colheitas do Sertão”.

¹² Não se registou qualquer ocorrência de apotegma.

¹³ Esta unidade tem poucas ocorrências.

¹⁴ Para uma lista completa das compilações de provérbios portugueses, veja-se Díaz Ferrero (2001).

(3) Tal está fulano, que já não aguarda uma ajuda (Luís Gomes Ferreira, 1735).

Significa que o paciente está em estado tão grave que o desfecho será a morte, sem que qualquer socorro lhe possa valer.

(4) Caro é, o que bem sabe / caro custa o que bem sabe (P. João Daniel, 1757).

Significa que quem quiser ter o proveito de algo, no caso um tratamento com mezinha popular, tem de suportar ou sujeitar-se ao desconforto ou repugnância que aquele lhe causa.

(5) Quem tem inimigos não dorme (Atas de Cuiabá).

Usado a respeito dos indígenas brasileiros, equivale a dizer que não servia de muito ter gentios como guardas.

(6) De pequenino se torce o pepino (Pe. João Daniel, 1757).

Traduz a importância daquilo que, tanto no aspecto físico como comportamental ou moral, se aprende desde criança para criar costume.

(7) Quem não tem pão, não tem cão (Luís dos Santos Vilhena, 1801).

Significa que, se não existem meios de subsistência, não é possível alimentar outros ou assumir gastos.

(8) Homem grande, besta se pao (Padre Joao Daniel, 1757).

Traduz que um o tamanho ou corpulência de um indivíduo não significa necessariamente que este tenha grande valia.

(6) A fome não tem lei (Manuel José Pires da Silva Pontes, séc. XVIII).

Este provérbio sintetiza que, para sobreviver, em caso de necessidade tudo é admissível. O fato de a parêmia ser fruto da experiência empírica denota-se no fato de o autor salientar o seguinte: “aprovando-se por este caso como realidade o provérbio”.

(7) Faz mais quem quer do que quem pode (Luís dos Santos, 1801).

Significa que a vontade de fazer algo supera as condições objetivas para fazê-lo.

(8) Dos Domingos se tiram muito bem os dias Santos (Tomás Antônio Gonzaga).

Equivale a dizer que qualquer dia pode ser dia de descanso.

(9) Campo que já foi vinha (Pedro Taques, séc. XVIII).

Este enunciado sintetiza que determinado terreno ou situação já não produz o que antes produzia e, por extensão, que alguma coisa deixou de ser o que era.

(10) Custa caro, o que bem sabe (Padre Joao Daniel, 1757).

Significa que os benefícios e prazeres têm um preço alto ou que saem caros a quem deles retira partido.

(11) Não há filho maior que seu pai (Padre Joao Daniel, 1757)¹⁵.

Refere-se a certos indígenas, de pequena estatura, cujos filhos são mais altos por saírem às suas mães.

(12) Da Deus nozes a quem não tem dentes (Padre Joao Daniel, 1757).

Equivale que é bafejado pela sorte ou pela abundância de recursos quem deles não sabe ou não é capaz de tirar proveito.

(13) Fome não tem lei (Manuel José Pires Pontes, Notícia dos primeiros descobridores das primeiras minas de ouro...séc. XVIII)

Este provérbio serve para sintetizar uma situação vivida nas minas, onde as condições de vida eram tão duras e penosas que um indivíduo matou o companheiro para recuperar um grão de pipoca de milho que do "seu borralho saltou para o do outro dos poucos grãos que cada um tinha para alimentar a vida naquele dia", significando que, em certos casos, a necessidade de sobreviver se sobrepõe à lei.

Tal como referido anteriormente, além destes provérbios portugueses, registam-se parêmsias cujo conteúdo se relaciona diretamente com o contexto brasileiro, logo, são enunciados que apenas seriam compreendidos por quantos viviam no Brasil ou conheciam certas regiões e realidades brasileiras, manifestando a criatividade inerente à construção deste género de enunciados sentenciosos. Dentre estes provérbios criados no Brasil como reflexo das particularidades deste território, vejam-se as seguintes:

(1) Se não houvera cipó, não se pudera povoar o Brasil (Ambrósio Fernandes, 1618).

Este enunciado sentencioso significa que a enorme utilidade do cipó o tornou fundamental na vida dos habitantes do Brasil.

(2) Planta-me no pó, e não tenhas de mim dó (P. João Daniel, 1757).

Atribuído aos naturais do Brasil, este provérbio traduz a facilidade com que a "maniba" pegava na terra.

¹⁵ Arrola-se esse provérbio entre os enunciados portugueses porque não remete claramente para uma realidade brasileira. Contudo, não tendo sido localizado em antigos adagiários portugueses, seria possível incluí-lo na lista dos provérbios criados no Brasil, já que foi aí que o Pe. João Daniel escreveu o documento.

(3) Pagassemos o dízimo às matas do Mucuri (como já passou em adágio) (Pedro Victor, 1807).

Esta frase equivale a dizer "morrer ou ser morto pelos índios da região" e, segundo o autor do documento, seria de criação recente no Brasil.

(4) Que os que vão ao sertão (chamam assim a viagem do Amazonas) deixam no Guarapumere a consciência (Pe. João Daniel, 1757).

Esta frase alude aos perigos que corriam todos quantos se atreviam a fazer incursões no sertão, sendo que a maioria ia ao encontro da morte.

(5) Quem vai ao Pará, parou (P. João Daniel, 1757).

Este provérbio, que joga claramente com a aliteração entre Pará e "parou", traduz que o eterno verão daquela região brasileira seduzia todos quantos a visitavam, querendo por isso morar nela. O Padre alude à recente "paremiologização" desta frase, dizendo: "...e **já é provérbio** naquele Estado".

(6) La morreu cachorro ou emboaba (José Alvares de Oliveira, SEC. XVIII).

Em clara alusão a um momento histórico do Brasil, esta frase traduz que a vida de um cachorro tinha então tão pouco valor quanto a de um emboaba¹⁶.

(7) Um monte de ouro não vale nada se não tem agua (José Vieira Couto, 1799).

Embora esta frase não aluda diretamente à realidade brasileira, o contexto em que é usado - a respeito das região das minas - permite incluí-lo entre as parêmias criadas no Brasil para referir aspectos específicos da natureza, das gentes ou dos costumes locais.

Sentenças latinas no DHPB

O *corpus* do DHPB inclui várias obras de cariz técnico ou científico, em concreto, das áreas da medicina, da farmacopeia e do direito, o que explica a ocorrência de axiomas ou aforismos em língua latina, uma vez que esses textos eram fruto de uma erudição marcada pela cultura clássica. Com efeito, até ao século XVIII, como o latim era língua da ciência, a maioria dos tratados portugueses de medicina eram publicados em latim e, mesmo naqueles que eram escritos em português são inúmeras as expressões e termos latinos, visto que a terminologia médica era veiculada nessa língua.

Além das sentenças latinas registadas em textos que se inscrevem nas antigas linguagens especiais (técnicas e científicas), também há ocorrências desse gênero em textos de religiosos, ainda que, comparativamente com os provérbios

¹⁶ Segundo Houaiss (2001), na época da colonização, "emboaba" era o "qualificativo ou alcunha dada pelos paulistas, que descobriram e ocuparam as minas de ouro da região das Gerais, aos brasileiros das capitanias do Rio, Bahia, Pernambuco etc. e aos portugueses, que chegavam atraídos pelo ouro".

em português, no seu conjunto as frases sentenciosas em latim tenham uma menor frequência no *corpus* em apreço. É de realçar que as palavras "aforismo" e "axioma" aparecem especialmente associadas às referidas linguagens especiais, se bem que também se verifiquem ocorrências em que esses termos se aplicam a realidades ou situações que, no vernáculo português, não aparentam qualquer reminiscência erudita¹⁷.

Também se registam casos em que as frases latinas foram traduzidas para facilitar o acesso ao significado, como se observa nos exemplos seguintes: "[...] tem alguns por certíssimo o aforismo da Escola Medica que diz: todo doce se converte em cólera (Frei Domingos de Loreto Couto, 1757); "Quiseram dizer alguns Philosophos fundados no axioma de Aristóteles, que a imaginação hê causa de maravilhosas produções, e que imaginativa dos índios era causa da sua cor vermelha" (Loreto Couto, 1757).

Das sentenças latinas compulsadas no *corpus*, e de novo sem intento de exaustividade, veja-se uma pequena amostra:

(1) La diz o aforismo vulgar da medicina: Non quod ingeritur, sede quo digeritur... (Padre Antônio Vieira).

(2) - *Hoc et scriptor erit, felix cui literal verbum est.* Eu não direi o fundamento que teve Manilio para sahir com este axioma, nem os outros astrónomos o comentam (Padre Antonio Vieira, Sermão de Nossa Senhora do O, 1640).

(3) - (como lá diz um ditado dos medicos) *non est medicamen in hortis.* (P. João Betendorff, 1699).

(4) E isto pela particular razão de dever o senhor estar seguro da sua vida dentro da sua caza, a vista do adagio = Tot hostes, quot servos [...]. (desconhecido. A INCONFIDENCIA DA BAHIA EM 1798).

Notas finais

O propósito deste trabalho era averiguar a existência de termos e enunciados paremiológicos no *corpus* textual que serviu de base para a redação dos verbetes do *Dicionário Histórico do Português do Brasil (sécs. XVI a XVIII)*. Os exemplos compulsados e os aqui apresentados a título de amostra revelam que, além esses enunciados ou frases sentenciosas cumpriam no textos em que ocorrem uma função de validação de experiências ou conhecimentos empíricos que desse modo eram partilhados pela comunidade. Com efeito, os adágios ou provérbios detectados no *corpus* serviam de explicação ou corolário de vivências que desse modo eram sintetizadas em poucas palavras. Não raro, essas parêmiias são aduzidas depois do relato ou da descrição de alguma situação da qual se pode extrair uma lição ou uma conclusão que é passível de generalização. Isso explica que o conteúdo de provérbios (originalmente portugueses) tenha sido transferível para observação e síntese da realidade extraeuropeia, pois a lição que transmite adquiriu carácter universal.

Contudo, a observação de realidades distintas das anteriormente conhecidas - era o caso das existentes no Brasil -, podem levar à criação de novos enunciados

¹⁷ Veja-se o exemplo seguinte: "[...] que axioma e dos políticos, que não ha Rei poderoso com vaçallos pobreza [...]" (João Peixoto Viegas, 1680).

capazes de traduzir de maneira concisa a especificidade local. Foi o que se observou em provérbios cujo sentido apenas era entendido por falantes conhecedores dos referentes brasileiros, como o "cipó" ou ao "rio Mucuri", obviamente desconhecidos dos portugueses. Também importa salientar que a criação, no Brasil, de novos provérbios ou enunciados de conteúdo paremiológico, decorre do caráter coletivo desses enunciados, cujo valor semântico é partilhado pelos membros da comunidade. Mesmo quando o autor indica que esses provérbios eram criações recentes, o que ele nos indica é que esses enunciados eram compreendidos pelo menos em certas regiões pela maioria dos falantes, não se tratando, portanto, de frases de uso individual ou idioletal, mas antes de um frases que já adquiriram ou estão em vias de adquirir valor patrimonial. Ora, a atestação no *corpus* em apreço não só de provérbios levados para o Brasil pelos portugueses mas também de criações paremiológicas locais constitui uma inequívoca prova de que o estudo histórico do universo paremiológico tem muito a ganhar com o recurso a *corpora* de vários tipos e épocas. Perante os exemplos extraídos do Banco de Textos do DHPB, único no seu gênero no Brasil, sem grande exagero poderá afirmar-se que antigos provérbios portugueses assistiram à construção do Brasil, assistindo igualmente à criação de novos provérbios, que eram fruto da observação de novas realidades e experiências vitais.

Por último, resta acrescentar que a amostra apresentada neste trabalho reitera que o *corpus* do DHPB, para lá das suas muitas virtualidades para a pesquisa em várias áreas da Linguística, fornece igualmente um inestimável contributo para estudo histórico das parêmiias em língua portuguesa.

Referências

CÂMARA, Paulo Perestrelo da. *Collecção de proverbios, adagios e rifãos, anexins, sentenças moraes e idiotismos da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848.

CASTRO, Ivo. *Introdução à história do português*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Colibri, 2006.

CHACOTO, L. Las paremias en la Comedia Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcellos. In: LAFUENTE MIÑO, C. et al. (Ed.). *Seminario Internacional, Colección Paremiológica – Madrid 1922-2007*. Madrid: Biblioteca Histórica Municipal, 2007. p. 73-96.

DELICADO, António. *Adagios Portuguezes reduzidos a lugares communs*. Lisboa: Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

DÍAZ FERRERO, A. M. Colecciones paremiológicas portuguesas. *Paremia*, n. 10, p. 57-64, 2001.

GONÇALVES, Maria Filomena. Contribuciones para el estudio de la Paremiología portuguesa: el Florilegio dos modos de fallar, e Adagios da Lingoa Portuguesa (1655). *Paremia*, n. 18, p. 153-162, 2009.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0.

Rio de Janeiro: Editora Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2001. 1 CD-Rom

LOPES, Ana Maria Macário. *Texto Proverbial Português*. Elementos para uma análise semântica e pragmática. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992.

MATTOS E SILVA, R. V. Novas contribuições para a história da língua portuguesa: ainda os limites do português arcaico. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 99-113, 2007.

_____. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; GONÇALVES, Maria Filomena. In: VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. (Eds.). *Planning non-existent dictionaries*. Lisboa: CLUL; Aveiro: Universidade de Aveiro, 2015. p. 19-41.

_____. A construção de um dicionário histórico: o caso do Dicionário Histórico do Português do Brasil - séculos XVI, XVII e XVIII. *Estudos de lingüística galega*, Santiago de Compostela, v. 6, p. 199-216. 2014.

_____. Trois siècles de mots du portugais du Brésil. *Cahiers de lexicologie*, n. 101, v. 2, p. 73-91, 2012.

_____. A contribuição de um Dicionário Histórico: o Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI a XVIII). *Organon*, n. 50, v. 25, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28348/16996>>/. Acesso em: 25 jan. 2016.

_____. Dicionário Histórico do Português do Brasil: um modelo de dicionário histórico. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 12, n. 2, p.329-349, 2010.

ORTIZ ÁLVAREZ, María Luisa. (Org.). *Tendências Atuais na Pesquisa Descritiva e Aplicada: Fraseologia e Paremiologia*. São Paulo: Pontes Editores, 2013. v. 1.

PEREIRA, Bento. *Florilegio dos modos de fallar, e adagios da lingua portuguesa*. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1655.

POSTIGO ALDEAMIL, M. J. Términos paremiológicos en el portugués de los siglos XVI y XVII. In: CONDE TARRÍO, G. *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées*. Cortil-Wodon: E.M.E. & InterCommunications S.P.R.L, 2007. p. 205-217.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas - Revista de estudos lingüísticos*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 33-48, 2008.